

V SEMINÁRIO: PAREDES, CULTURA E HISTÓRIA HOMENAGEM A ANTÓNIO ARESTA

Francisco Queirós, Diretor da Escola Secundária de Paredes



Eugénio Aresta



António Aresta

(...)

António Aresta é o músculo que faz contrair e agitar todo o circuito arterial do V Seminário, como aconteceu com os quatro anteriores. Permitam que me detenha mais tempo neste agradecimento, usando os minutos que me são devidos e que constam no cartaz de apresentação.

Como era obrigatório dantes, nas aulas de estágio dos professores, tenho uma motivação. O António Aresta vai aposentar-se no fim do presente ano lectivo, após cumprir 43 anos de serviço em escolas públicas portuguesas espalhadas pelo mundo.

Pedi à secretaria, para consulta, o processo dele, de professor. Trouxeram dois volumes, bem pesados, encimados pelo registo oficial de actividades, uma ficha que os serviços administrativos devem manter actualizada ao longo da vida profissional dos docentes. Sem espanto, logo na segunda linha, está “director da biblioteca da escola preparatória da Benedita”. Tinha 29 anos e um dos destinos traçado - livreiro das escolas.

Mas vamos por ordem. António Aresta começou a dar aulas no Porto, ainda antes do serviço militar, na escola Filipa de Vilhena. Andou de casa às costas, a seguir, o que o fez mais novo e mais próximo desta geração de precários,

leccionando no Barreiro – lugar curioso onde se sentiria bem, hoje perto do arquivo arestiano de José Pacheco Pereira; em Portalegre, bem perto da casa do José Régio e na Benedita, terra de Cister, como professor de Português e História do ciclo preparatório, director da biblioteca e ainda vice-presidente do conselho executivo.

Da Benedita sai para Macau, em 1987. Entretanto, vai-se aproximando administrativamente de casa e passa por Alcobaça, sem lá voltar, pela Régua e pelo Marco, concelho onde nasceu em 1955. De Macau só vai sair em 1998, ano em que goza uma licença sabática.

De novo em Portugal, é colocado na Escola Secundária de Paredes. Mas por pouco tempo. Em 2002 já o vamos encontrar no Maputo, na Escola Portuguesa EPM-CELP. Permanece até 2007, na costa oriental de África com rugas permanentes e invejáveis aos antigos territórios portugueses. Regressa a Paredes, a esta escola, no ano lectivo 2007/2008, e é aqui que lança raízes definitivas, para vantagem da comunidade escolar e da educativa.

É um percurso raro e muito rico. Julgo que não terá sido uma sucessão de acasos, mas que aconteceu como efeito de um apelo interior, isto é, constituiu uma necessidade antropológica.

74 Para o explicar, queria recuar a 1891. No dia 31 de Maio desse ano, nasceu no Alentejo interior um homem invulgar. Passou a infância em Moura, fez o liceu em Évora, o curso preparatório do exército no Porto, onde foi condiscípulo de Leonardo Coimbra, e o curso da Escola do Exército em Lisboa, que terminou em 1913.

Como outros bravos portugueses a quem devíamos estar mais gratos, embarcou com destino a França e às trincheiras, em Fevereiro de 1917. Tinha 26 anos, o grau de tenente do Corpo Expedicionário Português e o crédito de especialista oficial de metralhadoras pesadas.

Na Flandres, constituiu um exemplo de camaradagem, valentia e coragem, reconhecido por inúmeros louvores e duas Cruzes de Guerra. Em dois louvores do serviço do Quartel-General da Guerra, separados por 2 meses, elogia-se o homem que, debaixo de fogo do inimigo, levou ao fim a missão de que estava incumbido, e quem, numa outra altura, depois de gaseado, se recusou a seguir para o hospital de campanha sem auxiliar primeiro os seus homens.

Estabelecido o Armistício, regressa à pátria, chegando a Lisboa no dia 21 de Fevereiro de 1919. Herói e sobrevivente da linha da frente, recebe a Medalha da Vitória e a mais alta condecoração portuguesa: a Ordem da Torre e Espada, com o grau de oficial.

Tenho estado a falar do Dr. Eugénio Rodrigues Aresta, avô do nosso António Aresta, e sobrinho de um outro António Aresta, médico, também de Moura, que foi o 2.º presidente da Câmara dos Deputados da Primeira República – hoje seria presidência da Assembleia da República –, sendo também ministro da Marinha do Governo de Portugal de 1915, além de Governador Civil de Beja.

Regresso mais uns minutos a Eugénio Aresta, porque os anos vertiginosos da sua juventude ainda não terminaram. Em 1919, casa com Adélia Emília Borges, natural de Valongo, de quem tem 3 filhos: Maria Eugénia, Manuel e Eugénio.

No pós-guerra, com o posto de Capitão, no início da década de 1920, Eugénio Aresta entra na vida política, provavelmente pela mão do tio, de quem é correligionário. É eleito deputado por Beja ao Congresso da República, por duas vezes, nas legislaturas de 1921 e de 1922-25, militando no Partido Republicano Liberal. As convulsões partidárias frequentes nos anos 20 levam-no a aderir, em 1923, ao Partido Republicano Nacionalista. Mas vai renunciar ao mandato logo em Novembro, na sequência de uma tragédia, a morte da filha Maria Eugénia, com 2 anos, e sua filha única na altura. Resoluto, não volta atrás na decisão, embora instado pelo próprio Presidente a permanecer na Câmara dos Deputados.

Com o posto de Capitão, Eugénio Aresta é colocado numa unidade militar do Porto e decide retomar os estudos universitários, matriculando-se na Faculdade de Letras, que tinha sido fundada em 1919. Por impulso próprio,

certamente, mas também por influência do antigo colega e amigo, Leonardo Coimbra, responsável principal pela instalação da Faculdade no Porto, inscreve-se precisamente no curso de Ciências Filosóficas, onde tem como colegas Sant'Anna Dionísio e Delfim dos Santos.

É desta primeira faculdade que sai a famosa escola portuense de filosofia, onde se destacam, com Leonardo Coimbra à cabeça, os nomes bem conhecidos de Sampaio Bruno, Delfim Santos, Pinharanda Gomes, Dalila Pereira da Costa, Agostinho da Silva, Sant'Anna Dionísio e o próprio Eugénio Aresta.

Esta elite intelectual está ligada militar, política e ideologicamente ao movimento da Seara Nova, com Raul Proença, Jaime Cortesão, que foi voluntário do Corpo Expedicionário Português, no posto de capitão-médico, e António Sérgio.

Eram tempos empolgantes: combatia-se pela pátria, pela república e pelas ideias, e estes homens, genericamente republicanos, democratas e liberais, opuseram-se naturalmente ao golpe de Estado de 28 de Maio de 1926, que levou à instauração da ditadura militar. Conspiraram, determinados, e os que tinham mais coragem física e experiência da guerra, homens resolutos e valentes, participaram activamente na famosa revolta de 1927, sob as ordens do general Sousa Dias, dando início ao Revirvalho.

Estamos no Porto, no dia 3 de Fevereiro de 1927, quase há 100 anos. O dia ainda não amanheceu e adivinha-se gelado. Um grupo de soldados revoltosos do regimento de Caçadores 9, vindos do mosteiro de S. Bento da Vitória, entra na Praça da Batalha e toma o controlo da sede do governo civil e do telégrafo, aprisionando o comandante da região Militar e o governador. Vão aparecendo e apoiando o golpe outros núcleos militares da cidade e Jaime Cortesão é proclamado governador civil.

Ao fim da manhã, recebem a ajuda do regimento de Cavalaria 9, vindo de Penafiel. Outros batalhões aderem, vindos da Póvoa, de Famalicão, Guimarães e outras povoações do Norte. Chega também a Artilharia de Amarante que repele as forças do governo para a Serra do Pilar.

Entre o promontório do Pilar, em Gaia, e o pequeno planalto da Batalha, no centro histórico, prepara-se o confronto.

Na frente virada ao rio, no arco que vai de Alexandre Herculano ao Teatro São João, onde foi montado o quartel-general dos revoltosos, levantou-se o pavimento, armaram-se trincheiras e dispuseram-se os canhões. Prepararam-se também os ninhos das metralhadoras: um ao cimo de 31 de Janeiro, protegendo a retaguarda de ataques que podiam vir desta rua e de Santa Catarina, outro na esquina do Terço, protegendo as entradas do Cimo de Vila e da rua do Cativo e ainda um terceiro na boca da rua de Entreparedes.

Com armas na mão, na Praça da Batalha, entre os soldados e cidadãos anónimos, estão os Capitães Raul Proença e



Eugénio Aresta. É provável que tenha sido este a coordenar a instalação dos ninhos de metralhadoras pesadas, por ser a sua especialidade. A defesa da rua 31 de Janeiro mostra-se crucial: várias vezes, por aí foi forçada a entrada na Praça, mas outras tantas foi rechaçada pelo fogo dos sitiados. É uma verdadeira barricada inexpugnável, que a história vai recordar tragicamente como a Trincheira da Morte.

Embora haja heroísmo, em todo o caso o golpe é frustrado. A oposição em Lisboa não reage ou reage tarde, com remorsos. A Praça da Batalha é cercada e alvejada pela artilharia. Temendo pelos civis, ao fim de 5 dias e de uma centena de mortos, Sousa Dias rende-se.

Eugénio Aresta é preso e deportado no paquete Infante de Sagres para São Tomé, com os outros líderes da revolta.

Há de regressar a Portugal, para se destacar como pedagogo e estabelecer-se como professor de Filosofia, curso que concluiu com 20 valores. Intransigente, há-de recusar, com nobreza, a reintegração no exército, com a patente de coronel. E está ao lado de Norton de Matos, em Janeiro de 1949, no comício da Fonte da Moura.

Recordam-se, decerto, que estou nos agradecimentos. No último agradecimento. Mas, se me alonguei neste retrato do avô de António Aresta foi por ser necessário para compreender o neto.

Com efeito, 60 anos depois dos acontecimentos narrados no centro histórico do Porto, em 1987, outro homem, também jovem, com feições semelhantes às do militar e filósofo de Beja que afrontou com armas na mão a ditadura militar, também ele professor de filosofia, sentava-se à mesa de um café, talvez o Chave d'Ouro, na mesmíssima Praça da Batalha, disposto a ler pacatamente um jornal diário, quando um anúncio discreto o desinquietou. Pediam-se professores para Macau!

O que aconteceu a seguir é contado pelo próprio, num artigo memorável da Tribuna de Macau, recente, de Novembro, que a associação Hexágono amavelmente mandou fotocopiar e que está disponível lá fora, no átrio, para levarem e lerem sossegadamente em casa.

Falo agora, como já compreenderam, do António Aresta e passo-lhe a palavra:

“A partida para Macau foi no dia 1 de Setembro de 1987.

Lisboa teve nesse dia uma sufocante temperatura de 40º graus.

Seguimos para Londres para apanhar o voo da British Airways com destino a Hong Kong, fazendo uma escala técnica em Bombaim, na Índia.

A viagem foi longa e penosa.

Era permitido fumar, nas últimas filas, e na cauda do avião, um robusto Boeing 747, situava-se um pequeno bar. Sítio muito concorrido, como se calcula. O avião transportava cerca de sessenta portugueses, com as respectivas famílias, para os diversos serviços da administração pública, sendo a maioria professores. Era o maior contingente de sempre que tinha sido recrutado para o Território.

Aterrar no inesquecível aeroporto de Kai Tak, em Kowloon, no meio de torres habitacionais, com a montanha de um lado e com o mar do outro, exigia muita perícia dos pilotos e proporcionava um enorme susto aos passageiros novatos ou mesmo aos mais experimentados.

Sair do avião e apanhar aquele bafo de calor e de humidade dava a sensação de estarmos sentados na turbina do avião.

Aquela impressão ficou gravada no cérebro, para sempre. Havia imensa gente em todo o lado, parecia um estádio de futebol a esvaziar-se na nossa direcção.

Recuperadas as malas, faltava o trajecto final.

Lá fomos para o terminal marítimo ao encontro do “Jetfoil”, que nos conduziria para Macau. Uma tranquila viagem de uma hora, serpenteando entre pequenas ilhas, no mar do sul da China, outrora infestado de piratas.

O barco tinha o nome de uma ilha açoriana, “Flores”. Finalmente, ao fim do dia, a chegada a Macau, uma cidade soturna dentro de um casario com torres irregulares, com um cheiro muito peculiar, misteriosa e quente, iluminada por neons com luzes frenéticas e com pessoas muito apressadas. Era então este o “Oriente ao oriente do Oriente”, de que nos falava Álvaro de Campos?”

A vida profissional do António Aresta não teve felizmente os episódios militares perigosíssimos que marcaram a do seu avô, mas nem por isso é menos extraordinária.

Se por um momento imaginarmos a nossa biblioteca da escola com sofás de couro inglês, bom uísque e alguns charutos, ouvir nesse ambiente o António Aresta falar do Oriente, de África ou da Índia é ter o privilégio de privar com Phileas Fogg quando regressa ao Reform Club, após a volta ao mundo em 80 dias.

A fleuma, a serenidade e a ponderação do António, bem como um impulso nato para a civilidade, a urbanidade e o cosmopolitismo causam admiração e são murmuradas com orgulho entre as paredes desta escola. É o que salta mais à vista! Mas não devem esconder outras qualidades intrínsecas: a integridade, o arrojo, a determinação, a coragem física e a estatura intelectual.

O António é um cidadão do mundo com as raízes da portugalidade bem fundas. É um homem sério e vertical que considera e pondera as circunstâncias depois de as ter bem medidas e pesadas nos instrumentos éticos que traz sempre consigo, no bolso. O António é um gentleman. Não me recordo, em 25 anos de amizade, de o ver descomposto, desabrido ou fora de si.

Os interesses do António Aresta são muito variados e sobre ele estamos sempre a fazer descobertas novas. Ainda ontem me falaram de uma insuspeita vibração com os filmes do 007. Ainda não trocámos impressões sobre esta novidade, mas creio que tanto poderia fazer o papel do Ian Fleming como do Roger Moore, produzindo certamente um belo efeito cinematográfico: the name is Aresta, António Aresta.

76 As acácias das avenidas do Maputo onde viveu alguns anos António Aresta são árvores frondosas, frescas, que encantam os viajantes com as suas flores rubras, semelhantes às do rododendro, que estão nesta mesa de honra. Como acontece com as acácias, também no pensamento do António encontramos raízes invasivas e é impossível determiná-las todas: Camões, Jorge de Sena, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, os discípulos de Leonardo Coimbra e a escola filosófica do Porto, A Águia e a Seara Nova, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, Agustina e Vergílio Ferreira, Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes.

Muita renascença portuguesa, muita influência do avô Eugénio.

Embora todas as raízes sejam diferentes, a seiva que as percorre é que é sempre a mesma e nasce da terra portuguesa. De aquém e de além-mar. Podemos chamar-lhe saudade, como sentimento-ideia portuguesa, ou sebastianismo, como esperança permanente de regeneração nacional. Mas para que se cumpra o destino português, é necessário ensinar, educar e formar. Estes desígnios marcaram o horizonte profissional do professor António Aresta e são mecanicamente a causa do Seminário da Escola Secundária de Paredes.

Por causa do António Aresta, hoje estamos todos aqui a conversar sobre Portugal.

Os desígnios do António Aresta são altamente perigosos, como os olhos da mulher amada de Alexandre O'Neill. É inevitável que a máquina do tempo, implacável, os vá esmorecendo. Mas, contra algum desalento e alguma desolação, meu caro António, temos sempre o Jorge de Sena:

“Uma pequena luz bruxuleante
brilha
Uma pequenina luz bruxuleante e muda
como a exactidão como a firmeza
como a justiça.
Apenas como elas.
Mas brilha.
Não na distância. Aqui
no meio de nós.
Brilha.”

Transcrição parcial do discurso referido por Francisco Queirós, diretor da Escola Secundária de Paredes, no encerramento do V Seminário: Paredes, Cultura e História, onde foi homenageado António Aresta, entretanto aposentado a 10 de junho de 2023, dia de Portugal.

António Aresta é o arquétipo de homem que mais parece um mestre renascentista, que começou a pintar um afresco no tecto central de um monumento.

Para o bom Amigo da Cultura de Paredes, o conhecimento e a perfeição nunca são atingíveis, colocando-se, enquanto indivíduo, em questionamento e procura constantes. A cultura sentida (e transmitida) é a vida que hoje, mais do que nunca, interessa viver.

Parabéns à organização e parabéns aos professores que, tal como António Aresta, nos ensinam sabiamente a apreciar e a desconstruir as imagens que os próprios pintaram na duradoura argamassa.

*Beatriz Meireles
Vereadora da Cultura*